



"O povo pobre e oprimido da Inglaterra": as representações Diggers na Inglaterra
Revolucionária (1607-1652).

LÍVIA BERNARDES ROBERGE*

Resumo:

Durante o período denominado Revolução Inglesa (1640-1660), houve o surgimento de uma série de grupos e seitas político-religiosas que atuaram neste contexto das mais diversas maneiras. Dentre tais grupos, os Diggers possuíram uma atuação fortemente marcada por questões relacionadas, sobretudo, à contestação da ideia de propriedade de terra. Através da publicação de uma série de panfletos, apresentavam demandas que incluíam o direito de cultivo das terras comunais pelas pessoas comuns e o fim das políticas de cercamento e despovoamento; além de se posicionarem de forma contrária à Coroa e à Igreja institucionalizada. Defende-se a proposição de que os Diggers caracterizaram uma experiência de atuação coletiva que surge intimamente - ainda que não exclusivamente - entrelaçada a uma tradição de enfrentamento por parte de setores da sociedade frente às políticas de "melhoramento" do campo na Inglaterra Moderna. Demonstrar-se-á, ainda, de que maneira é possível compreendê-los como diretamente envolvidos em lutas de representação acerca dos significados e caracterizações das ações que tomavam, destilando assim algo que é passível de ser compreendido como uma identidade coletiva específica, abarcando sujeitos provenientes das mais diversas trajetórias, unidos por um apelo a imaginários específicos relativos a questões como natureza da propriedade, hierarquia social, cristianismo anticlerical e reflexões sobre o futuro. O que, consequentemente, os leva a entrar para a história como havendo sido um dos muitos grupos que não se aliavam diretamente nem aos parlamentaristas e nem aos regalistas, e que de alguma forma tomaram parte em ações que marcaram os percursos da Revolução Inglesa.

Palavras-chave: Diggers; Revolução Inglesa; Representação.

Abstract:

During the period known as the English Revolution (1640-1660), there were a number of political-religious groups and sects that took action in this context in a variety of ways. Among these groups, the Diggers had an activity strongly marked by issues related, above all, to the contestation of the idea of land ownership. Through the publication of a series of pamphlets, they presented demands that included the right of cultivation of the communal lands by the common people and the end of the politics of enclosure and depopulation, besides opposing the Crown and the institutionalized Church. We here propose the interpretation that the Diggers characterized an experience of collective action that arises intimately - albeit not exclusively - intertwined with a tradition of confrontation by sectors of the population that were directly affected by policies of "improvement" in Early Modern England's countryside. It will also be demonstrated how it is possible to understand the Diggers as directly involved in disputes over social and cultural representations about the meanings and characterizations of the actions they were taking, thus distilling something that can be understood as a specific collective identity, encompassing subjects coming from the most diverse trajectories, united by an appeal to specific imaginaries regarding issues such as property, social hierarchy, anticlerical Christianity and reflections on the future. This, consequently, leads the Diggers to be remembered in history as one of the many groups that were not directly allied with the Roundheads or the Cavaliers.

*Graduada e Licenciada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Mestra em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), cuja pesquisa fora financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Contato: liv.roberge@gmail.com



Key-words: Diggers; English Revolution; Representation.

No dia 1º de abril de 1649, um grupo atrai, por um breve período de tempo, a atenção das autoridades encarregadas da manutenção da ordem, dentro da recém-criada *Commonwealth* de Oliver Cromwell, para a região de Walton-on-Thames, no condado de Surrey. Mais especificamente, para a Colina de São Jorge (*Saint George's Hill*), ou simplesmente “Colina de Jorge” (*George's Hill*), segundo eles. Alguns habitantes locais denunciavam às autoridades atos que consideravam ilícitos e danosos que tal grupo estaria praticando. Estas ações consistiam em revolver e semear a terra desta localidade, sem que esta fosse de propriedade daqueles que o faziam (CLARKE, 1649, vol. 2). O grupo denunciado, em contraposição, alegava que a terra havia sido criada por Deus para ser um tesouro comum para toda a humanidade, e que aqueles que se declaravam proprietários de terra estavam cometendo um pecado e uma ofensa ao Criador (EVERRARD et al, 1649. In: HILL, 2006: 79).

Estas pessoas ficaram conhecidas dentro da história inglesa como Diggers, formando um dos muitos grupos que atuaram politicamente na Inglaterra entre os anos de 1649 e 1652, durante eventos que compuseram a chamada “Revolução Inglesa de 1640”. De forma similar ao debate teórico e historiográfico que permeia as opções pela nomenclatura utilizada para se referenciar o período entre 1640 e 1660 (com as variáveis “Guerras Civas”, “Interregnum”, ou ainda “Guerras de Religião”, por exemplo), tem-se também uma extensa disputa de perspectivas sobre as formas de se compreender a atuação, bem como as significâncias, de grupos como o dos Diggers durante o século XVII.

Durante os anos 1950 e 1960, historiadores marxistas, que então floresciam na Inglaterra, tais como Christopher Hill, George Juretic e David Petergorsky, por exemplo, interpretaram os Diggers através da perspectiva de classe. Eles caracterizaram o grupo como detentor de um caráter revolucionário e radical, sendo mesmo precursor de determinados pensamentos e táticas de ação política “à esquerda”. Ao revestirem os Diggers desta identidade de “classe popular”, estes historiadores invariavelmente promoveram certos reducionismos (e, por que não, anacronismos) sobre o grupo. Pode-se tomar por um exemplo a forma que estes historiadores trabalharam a ideia de Radicalismo. Na concepção deles, ser radical era diretamente proporcional ao quanto as performances e ideias defendidas por tais grupos se aproximavam do que no século XX viriam a ser pautas vistas como “democráticas” e “de esquerda”. Há quase uma ideia de “vanguarda revolucionária” seiscentista. Hill, por exemplo, em seu hoje clássico “O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a

Revolução Inglesa de 1640” (1987), pensou os Diggers como uma ala de camponeses pobres cujos interesses englobavam:

[...] menos as questões constitucionais e mais as econômicas: defender os pobres contra os ricos, a gente do povo contra os grandes do país – o que, é de se suspeitar, deveriam ser as questões principais na mente das classes mais pobres durante os últimos anos da década de 1640 (HILL, 1987: 124).

Contudo, pressupor esta homogeneização de características e propósitos dos Diggers leva-nos a cair em interpretações demasiadamente simplistas e reducionistas das marcas que estes sujeitos deixaram na História. Acabam por “moldá-los”, de certa forma, a partir da denotação de relevância de algumas características, sobretudo estruturais e econômicas, aos atores em detrimento de outras, revestindo-os de uma radicalidade anacrônica que não contempla a complexidade de suas atuações, crítica esta endossada pelo cientista político Geoff Kennedy:

Num nível mais profundo, a noção de relacionar o significado do pensamento político a uma série mais ampla de determinantes sociais foi rejeitada como uma forma de reducionismo social, que é inapropriada para a compreensão da teoria política em geral, e, em especial, o pensamento político moderno Inglês. Tomados em conjunto, anacronismo e reducionismos sociais têm sido atribuídos, por revisionistas, às interpretações marxista e "Whig" da história. O foco das interpretações marxistas sobre Gerrard Winstanley e os Diggers giram em torno da natureza do seu radicalismo. Marxistas, como David Petergorsky e Christopher Hill, enfatizaram o materialismo secular que esteve na base do comunismo radical do pensamento social e político de Winstanley. [...] São estes elementos do pensamento de Winstanley que são considerados mais radicais e, portanto, mais significativos, ao contrário dos aspectos teológicos e religiosos do pensamento de Winstanley, que são consequentemente subestimados ou descartados como sendo somente um manto discursivo que serve apenas para mascarar os elementos mais racionalistas do seu pensamento.¹ (KENNEDY, 2006: 115).

¹ No original: “At a deeper level, the notion of relating the meaning of political thought to a broader series of social determinants, has been rejected as a form of social reductionism that is inappropriate for an understanding of political theory in general, and early modern English political thought in particular. Taken together, anachronism and social reductionism have been attributed, by revisionists, to both Marxist and ‘Whig’ interpretations of history. The focus of Marxist interpretations of Gerrard Winstanley and the Diggers revolve around the nature of their radicalism. Marxists such as David Petergorsky and Christopher Hill emphasise the secular materialism that lay at the base of the radical communism of Winstanley’s social and political thought. [...] These are the elements of Winstanley’s thought that are deemed to be most radical and therefore most significant, as opposed to the theological and religious aspects of Winstanley’s thought that are subsequently downplayed or dismissed as a discursive cloak that serves merely to mask the more rationalist elements of his thought”. Tradução da autora.

Atualmente, tais percepções vêm sendo repensadas e repaginadas por acadêmicos de diversas vertentes teóricas e políticas. Pode-se dizer que há, hoje, uma tendência por interpretações interseccionais que explorem outras características do grupo que anteriormente foram relativamente negligenciadas, a partir de um ponto de vista crítico. Buscam, assim, na medida do possível, trabalhar grupos como o dos Diggers de modo a contemplar toda sua complexidade – ainda que a partir de abordagens e interpretações profundamente diversas e heterogêneas. É o caso de pesquisadores como Ariel Hessayon, Geoff Kennedy, Andrew Bradstock, James Holstun e John Gurney, para citar apenas alguns.

Busca-se, dessa forma, evitar cair em generalizações e anacronismos, concedendo profundidade a uma gama mais variada de questões, como, por exemplo, a dimensão religiosa e profética dos escritos Diggers, não tão exploradas anteriormente. Além disso, procura-se, como no caso de Hessayon, tecer uma crítica às tendências de apropriações essencialmente políticas da experiência Digger – largamente desprovidas de exercícios de contextualização - que visam alocá-los em uma “origem” ideológica de forma a denotar legitimidade a doutrinas políticas do presente. Ou ainda, a partir de vieses marxistas que se propõem a levar em consideração em suas análises as críticas feitas àqueles historiadores dos anos 60 e 70, surgem a partir de perspectivas mais críticas. É o caso, por exemplo, do supracitado James Holstun, o qual destila uma análise dos Diggers a partir da concepção de que compreendê-los enquanto dentro de uma tradição de natureza comunista frente à terra não é automaticamente excludente com reconhecê-los como também havendo sido “místicos religiosos” (HOLSTUN, In: BRADSTOCK, 2000: 113).

Nesse sentido, temos como intenção não tão somente adentrar este debate que está estabelecido dentro da historiografia acerca do período da Revolução Inglesa, mas também contribuir para o mesmo. Através do levantamento e da análise histórica de fontes ligadas aos Diggers – com destaque para os panfletos produzidos por eles entre 1649 e 1652 – propõe-se contribuições, sobretudo, no que tange a questão de algumas das chamadas disputas de representação seiscentistas que envolveram os Diggers.

Por “lutas de representação”, compreendem-se as disputas sobre significados, classificações e percepções sociais diversas, conflitos decorrentes do que “se é” e o que “se afirma ser” na sociedade, tal como coloca Ginzburg (GINZBURG, 2001: 85), ou o que se “intenciona parecer ser” versus o que de fato se faz percebido por terceiros; visto que as

representações são originárias das práticas, discursos e conflitos que constroem as identidades e, conseqüentemente, a sociedade. Sobre estas “lutas de representação”, Chartier coloca:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas –, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 2002: 17)

Para ser possível estabelecermos uma linha de raciocínio sobre as representações de “Digger” durante o período da Inglaterra revolucionária, faz-se necessário recuar ainda um pouco mais no tempo. No início deste conturbado século XVII, mais especificamente, em 1607, tem-se a chamada “Revolta das Midlands” (*Midlands Revolt*)² região que abrange os condados de Northamptonshire, Warwickshire e Leicestershire. Ocorrendo durante os meses de maio e junho, esta consistiu em uma série de revoltas motivadas, principalmente, pela intensificação do estabelecimento de cercamentos e sobre a alegação de que alguns destes estariam se dando de forma ilegal. Caracterizaram-se pelas sucessivas afirmações de lealdade à Coroa e pelos apelos ao monarca, no caso, James VI & I³, para que ele interferisse no andamento dos processos de reorganização de terras, levando em conta as necessidades da população revoltosa. Edmund Howes, um historiador contemporâneo destes acontecimentos, elaborara um relato sobre os mesmos em “*The Annales, or General Chronicle of England*”⁴, publicado em 1615, dotando-os uma centralidade em torno da questão dos cercamentos:

² Região da Inglaterra, hoje dividida entre West Midlands e East Midlands.

³ James VI da Escócia e I da Inglaterra, pai de Charles I. James reinara de 1567 a 1625.

⁴ HOWES; STOW, **The Annales, or General Chronicle of England**. Londres, 1615. Disponível em: <<http://www.bl.uk/collection-items/the-midland-revolt-in-stows-annals-of-england>>. Acessado em 20 de novembro de 2016.

Por volta de meados deste mês de maio de 1607, um grande número de pessoas comuns repentinamente se reuniram em Northamptonshire, e então outros de natureza semelhante se reuniram em Warwickshire, e alguns em Leicestershire, eles violentamente cortaram e derrubaram sebes, preencheram valas e abriram todos os cercamentos de terras comuns, e outras áreas que encontraram cercadas, que em tempos antigos haviam sido abertas e usadas para a lavoura, o tumulto de pessoas em Northamptonshire, Warwick e Leicestershire cresceu muito forte, sendo em alguns lugares cerca de mil homens, mulheres e crianças juntos, [...] essas pessoas revoltosas apostam todas as suas forças em nivelar e abrir terras cercadas [...]”⁵. (HOWES, 1607. In: HOWES; STOW, 1615).

Em uma carta datada de dois de Junho de 1607, de Gilbert Talbot, Conde de Shrewsbury, endereçada ao seu irmão, o Conde de Kent, ele menciona as revoltas que acometem Northamptonshire, Warwickshire e Leicestershire, descrevendo suas impressões não apenas acerca dos revoltosos e suas ações, como também sobre as medidas tomadas pelas autoridades locais para lidar com a situação e, segundo ele, o descontentamento que tais medidas geraram no rei. De acordo com ele - um proprietário de terras -, os revoltosos se caracterizariam por uma “população barulhenta e tumultuosa”⁶ (TALBOT, 1607), cujas ações englobavam “destruir cercamentos individuais quebrando-os em vários pedaços”⁷ (idem), dando ao entendimento, portanto, de que a revolta está (de alguma maneira) relacionada aos cercamentos.

Outras evidências documentais do período que também colocam os cercamentos dentre as principais motivações para a Revolta das *Midlands* são as Proclamações Reais oficiais sobre os acontecimentos. Ao todo, houve três destas Proclamações, emitidas pelo rei James VI & I. Na segunda Proclamação, de 28 de junho de 1607, ainda que o rei condene veementemente as ações dos revoltosos, há um indício de resposta às demandas e questionamentos levantados por tal “população” a respeito dos encaminhamentos de mudança de jurisdição de parcelas da terra daquelas localidades. Ele alega que as acusações de despovoamento e cercamento ilegal serão tomadas em “consideração principesca”, e que

⁵ No original: “About the middle of this moneth of May, 1607, a great number of common perfons, fodaynly affembled themfelves in Northamptonfhire, and then others of like nature affembled themfelves in Warwickfhire, and fome in Lecefferfhire, they violently cut and brake downe hedges, filled up ditches, and laid open all fuch enclosures of Commons, and other grounds as they found enclofed, which of anncient time hadde bin open and imploided to tillage, thefe tumultuons perfons in Northamptonfhire, Warwick and Leicefferfhire grew very ftrong, being in fome places of men, women and children a thoufand together, [...] thefe riotous perfons bente all their ftrengh to leavell and lay open enclosures [...]”. Tradução da autora.

⁶ No original: “tumultuous rable of people”. Tradução da autora. Disponível em: “Letter from the Earl of Shrewsbury on the Midland Revolt, 1607” [<http://www.bl.uk/collection-items/letter-from-the-earl-of-shrewsbury-on-the-midland-revolt-1607>]. Acesado em 20 de novembro de 2016.

⁷ No original: “throwynge downe sondry inclosures in dyvers parts”. Tradução da autora. Disponível em: idem.

medidas para investigar e combater estas práticas e seus supostos efeitos negativos serão colocadas em prática:

Por outro lado notificamos e declaramos a todos os nossos Súditos, Que estamos resolvidos, não por conta de qualquer apreensão ou apreço destes tumultos e desordens [...] ou ainda para satisfazer pessoas desobedientes, sejam elas ricas ou pobres: Mas meramente por amor à Justiça, e pela compaixão Cristã por aqueles nossos Súditos que foram igualmente tocados por estes sofrimentos, e que ainda assim evitaram tais ofensas, Será igualmente através de nosso cuidado e providência Principescos a fim de evitar decadência e diminuição, Que investigaremos os abusos de Despovoamento e Cercamentos ilegais, e através de meios pacíficos e ordeiros estabeleceremos reformas, como devem ser necessárias para o alcance do alívio justo daqueles que tem causas justas para reclamar, e assim não negligenciaremos quaisquer remédios para tanto, os quais serão prescritos tanto pelas leis de nosso Reino, quanto pela nossa própria Autoridade Real, com as recomendações de nosso Conselho⁸. (JAMES VI & I, 1607).

Outro tipo de fonte bastante singular acerca do período são, justamente, documentos escritos emitidos pelos próprios indivíduos que se manifestavam, sobretudo em forma de petições. A natureza distinta desta fonte, em comparação com as previamente apresentadas sobre o período, está no lugar social de onde supostamente falam seus autores. Enquanto a carta do Conde e o relato do historiador nos forneçam perspectivas, interpretações e apropriações sobre os acontecimentos a partir de “cima”, da percepção de indivíduos e grupos detentores de poder econômico, político e social, estas petições – teoricamente – nos fornecem a oportunidade da perspectiva interpretativa de pessoas que se encontravam do outro lado desta balança de poder. E, sendo estes os supostos agentes por trás dos distúrbios relatados em tom acusativo nos dois documentos prévios, apresentam também justificativas para tanto.

⁸ No original: “On the other fide we doe notifie and declare to all our loving Subjects, That we are refolved, not out of any apprehenfion or regard of thefe tumults and diforders [...] nor to fatiffie difobedient people, be they rich or poore: But meerely out of love of Justice, Chriftian compaffion of other of our Subjects, who being likewife touched with this grieffe, avoided the like offences, As alfo out of our Princely care and providence to preferue our people from decay or diminution, To caufe the abufes of Depopulations and unlawfull Inclosures to be further looked into, and by peaceable and orderly meanes to eftablifh fuch a reformation thereof, as fhall bee needful for the ruft reliefe of thofe that have ruft cause to complaine, and therein neglect no remedy, which either the lawes of our Realme doe prefcribe, or our owne Royal Authority, with the advice of our Councell can fupply”. Tradução da autora. Disponível em: *Royal Proclamation concerning the Midland Revolt of 1607*. < <http://www.bl.uk/collection-items/royal-proclamation-concerning-the-midland-revolt-of-1607>>. Acessado em: 20 de novembro de 2016.

*Embora seja excessivamente simplista reivindicar tais textos como expressões diretas e não-mediadas daqueles que estão à margem da sociedade, estes fornecem exemplos surpreendentes e gratificantes de escritores confrontando percepções elitistas da vida rural e lutando para articular visões de mudança.*⁹ (BENDING; MCRAE, 2003: 145).

Inclusive, é numa destas fontes que se tem o primeiro registro documental da utilização de “*digger*” para fazer referência a um grupo de pessoas que se manifestam de forma contrária às políticas de cercamento e despovoamento (BENDING; MCRAE, 2003: 146-147). Este documento é uma petição manuscrita intitulada “Dos Diggers de Warwickshire para todos os outros Diggers” (*The Diggers of Warwickshire to all other Diggers*)¹⁰, evidentemente também datando de 1607. No documento, “*digger*”, consta apenas no título, entretanto, o documento está assinado como “*poore Delvers & Day labourers*”. “*Delvers*” é, nesta época, um sinônimo de “*digger*”, em português, “cavador”; enquanto “*day labourers*” é uma expressão que denomina uma pessoa que está sujeita a receber um pagamento atrelado ao trabalho específico que ele fez ao longo de uma jornada diária, não estando em um regime de trabalho e pagamentos fixos, um “jornaleiro”. Ou seja, o documento é assinado pelos “Cavadores pobres & Jornaleiros”.

Em dicionários ingleses do período moderno, “*Digger*” sempre se encontra relacionado à esfera do trabalho, mais especificamente, a um tipo de trabalho agrícola, braçal, “cavadores”, “jornaleiros”, “aquele que abre o solo com uma pá”. Mesmo em dicionários já dos séculos XVIII e XIX, o termo continua a aparecer sem quaisquer indícios de teor político, persistindo dentro da esfera do trabalho no campo. A primeira aparição de “*digger*” em um dicionário data apenas de 1768, na 3ª edição do Dicionário da Língua Inglesa de Samuel Johnson, e sua definição é bastante sucinta e despida de qualquer caráter político: “Aquele que abre a terra com uma pá”¹¹ (JOHNSON, 1768: 94). Em demais edições posteriores de variados dicionários da época, pouca ou nenhuma alteração se evidenciará na conceituação do termo. *Delver* também aparecerá pela primeira vez nesta edição de 1768, e sua definição será simplesmente “*A digger*” (JOHNSON, 1768: 82).

⁹ No original: “While it would be overly simplistic to claim such texts as direct and unmediated expressions of those on the margins of society, they provide startling and rewarding instances of writers confronting elite perceptions of rural life and struggling to articulate visions for change”. Tradução da autora.

¹⁰ Uma transcrição deste documento está disponível no livro editado por Stephen Bending e Andrew McRae, “*The Writing of Rural England, 1500-1800*”, de 2003, nas páginas 147 e 148.

¹¹ No original: “One that opens the ground with a fpade”. Tradução da autora.

Logo, tem-se a hipótese de que “Digger”, à época, poderia ser um termo que evocava a ideia de trabalhadores simples da terra, que, sobretudo, não eram proprietários em qualquer instância. Portanto, caracterizaria uma representação daqueles que exercem estes tipos de trabalho durante o XVII, e o emprego deste na petição de 1607 nos fornece evidências sobre a forma como aqueles revoltosos procuravam se fazer representados na sociedade, que tipo de ideário buscavam evocar por parte das autoridades e da “população”. Dessa forma, a roupagem de “desordeiros, desobedientes, população barulhenta e tumultuosa” atribuída a eles pela Proclamação Real e pela carta do Conde, por exemplo, é disputada em prol de uma identidade voltada ao trabalhador da terra que não se caracteriza como proprietário, e que agora se vê necessitado a agir de modo a se revoltar devido às mudanças declaradamente negativas que a reorganização do campo lhes infligiu. Tem-se, portanto, a disputa por uma dada representação, uma construção social.

Estas lutas de representação travadas em torno de “digger” alcançarão um clímax que nos é particularmente interessante em 1649. Neste ano, o grupo do qual fez parte o “famoso” digger Gerrard Winstanley ocupou a Colina de São George, nos arredores da hoje grande Londres, no condado de Surrey. Por ocupação, pretende-se referenciar as ações realizadas por aqueles sujeitos que consistiram em erguer moradias, revolver a terra e dar início às atividades de plantio, além da estruturação ali de demais práticas ligadas à subsistência, dentro de uma parcela de terra que não pertencia legalmente, oficialmente, a eles. Este foi o episódio envolvendo os Diggers durante a Revolução Inglesa mais disseminado e popularizado pela historiografia, servindo de “abre-alas” para muitos livros hoje clássicos envolvendo a temática do grupo, como o próprio “*Mundo de Ponta-Cabeça*” de Hill. Dentre as razões para tanto, pode-se destacar aqui o desenrolar do processo de disputa que levará o grupo a ficar conhecido como “Diggers”, marcando novamente o emprego do termo em uma situação de disputa sobre a terra. Considerando a representação social como uma intersecção construída a partir da auto-representação e daquela proveniente do olhar de terceiros, é emblemático que a imagem construída dos Diggers seja o resultado de um processo de reapropriação e, sobretudo, ressignificação. Entretanto, isto se dará de forma significativamente diferenciada daquela de 1607.

Nos relatos oficiais sobre os eventos que se desenrolaram na colina e comunicações entre autoridades a respeito destes, - que se encontram preservados nos *Clarke Papers* -, não há qualquer tipo de menção a uma denominação ou nominação específica do grupo em questão. Apenas há a referência a um grupo de pessoas que possuem um projeto insano em

mente, de retomar as terras tradicionalmente consideradas comunais, utilizando-se do argumento de que a terra fora criada por Deus para ser desfrutada por todos os seres humanos e que a transformação desta em propriedade privada seria necessariamente oriunda de opressão, assassinato e roubo; uma verdadeira afronta ao Criador. O primeiro momento em que temos acesso a esta perspectiva do grupo sobre o ocorrido é a partir de um panfleto datado de 20 de abril de 1649, intitulado *The True Levellers Standard Advanced*¹². Neste panfleto, o grupo fornece explicações para o que estavam fazendo na colina de São Jorge, bem como o porquê de terem escolhido esta localidade e, principalmente, contra-argumentam as acusações de que seriam “baderneiros e tumultuosos”.

*O trabalho que nós estamos fazendo é este, o de escavar a colina de Jorge e os terrenos baldios ao redor para para semeá-los, e para comer juntos nosso pão conquistado pelo suor de nossos rostos. E o primeiro motivo para tanto é este, para que possamos trabalhar em justiça e estabelecer as bases para fazer da terra um tesouro comum para todos, ricos e pobres, para que todos os que nascem na terra possam ser alimentados pela terra, sua mãe [...]. Não cercando nenhuma parte na forma de nenhuma posse em particular, mas sim todos como sendo apenas um, trabalhando juntos e alimentando-se como filhos de um único pai, membros de uma família; não um sendo senhor sobre outro, mas todos olhando uns para os outros como iguais na criação [...]*¹³. (EVERARD et al, 1649. In: HILL, 2006: 84).

Não há, em nenhuma passagem do panfleto, qualquer referência ou menção a *diggers*, enquanto que nos salta aos olhos a presença de *Leveller*, “nivelador” no título. As intencionalidades por trás da utilização deste termo são motivos de disputas interpretativas e discordâncias entre historiadores que trabalham com esta temática. Os Levellers foram um grupo bastante organizado (BRADSTOCK, 2011: 28), atuante por cerca de seis anos (1646-1652) em meio às movimentações da Revolução, que faziam oposição ao regime plutocrático almejado por Cromwell e seus aliados.

Tem-se, normalmente, a concepção de que, apesar deles terem caracterizado um grupo de relativa alta capacidade organizativa - sobretudo se comparado a outros grupos de caráter também político, surgidos em meio à Revolução –, uma das grandes características dos Levellers foi a dificuldade na obtenção de um consenso de posicionamento sobre algumas

¹² Algo como “O Modelo Avançado dos Verdadeiros Niveladores”.

¹³ No original: “The work we are going about is this, to dig up George Hill and the waste ground thereabouts and to sow corn, and to eat our bread together by the sweat of our brows. And the first reason is this, that we may work in righteousness and lay the foundation of making the earth a common treasury for all, both rich and poor, that everyone that is born in the land may be fed by the earth his mother [...]. Not enclosing any part into any particular hand, but all as one man working together and feeding together as sons of one father, members of one family; not one lording over another, but all looking upon each other as equals in the creation [...]”. Tradução da autora.

questões chave que estavam sendo levantadas em meio a este contexto. Ainda assim, suas atuações foram marcadas pela defesa de ideias como a de um sufrágio masculino que abarcasse mais indivíduos, a proibição da interferência de representantes eleitos em legislar sobre questões referentes à religião e práticas espirituais e o nivelamento das disparidades sociais - mas jamais o nivelamento da propriedade, algo que era muito caro aos Levellers, conforme pode, por exemplo, ser evidenciado no panfleto de maio de 1649, *An Agreement of the Free People of England*, escrito por John Lilburne, William Walwyn, Thomas Prince e Richard Overton.

Eis o que caracterizaria o ponto de disputa entre Diggers e Levellers na visão de alguns historiadores, o posicionamento sobre a propriedade. Enquanto estes defenderão o direito à propriedade como uma liberdade individual inalienável, aqueles a consideram uma das grandes mazelas que afligem a humanidade:

E essa propriedade civil é uma maldição e assim se manifesta: aqueles que compram e vendem terras, que são proprietários, obtiveram-na através de opressão, assassinato ou roubo; e todos os proprietários vivem sob a quebra do sétimo e oitavo mandamentos, Não roubarás nem matarás¹⁴. (EVERARD et al, 1649. In HILL, 2006:85).

Logo, sob esta via de compreensão, a reivindicação de serem “os verdadeiros niveladores”, os *true levellers*, estaria fazendo menção a uma ideia de que seria impossível construir uma sociedade verdadeiramente “nivelada”, mais igualitária, sem a abolição da propriedade privada da terra. Caracterizaria, então, uma apropriação crítica e uma disputa. A crítica a esta interpretação, trazida por Gurney em seu livro *Gerrard Winstanley: The Digger's Life and Legacy* (GURNEY, 2011), baseia-se no fato de que este não seria um contexto promissor para se reivindicar uma intitulação Leveller, pelo fato de que justamente neste período, o grupo vinha sofrendo perseguições e forte repressão por parte das forças parlamentares dentro do Exército de Novo Tipo - inclusive, o panfleto Leveller supracitado foi escrito em resposta à prisão dos Levellers ali citados, Lilburne, Walwyn, Prince e Overton (ibidem: 160). Contudo, Gurney não nos provê com uma nova hipótese para a escolha de *True Levellers* por parte do grupo que ocupara a Colina de São Jorge.

¹⁴ No original: “And that this civil property is the curse is manifest thus: those that buy and sell land, and are landlords, have got it either by oppression or murder of theft; and all landlords lives in the break of the seventh and eight commandments, *Thou shalt not steal nor kill*”. Tradução da autora.

Notadamente, o termo “leveller” aparece em dicionários do período moderno revestido de teor político muito mais cedo do que “diggers”, mais precisamente, já em 1756, com a seguinte definição: “(...) pessoas do exército de *Oliver Cromwell* que defendiam uma divisão igual da administração do governo entre a nobreza e as pessoas comuns”. E em 1768: “1. Aquele que torna tudo equilibrado. 2. “Aquele que destrói a superioridade; aquele que almeja trazer todos para o mesmo estado”. Ainda hoje, percebe-se que são raros os dicionários que apresentam uma definição de “digger” que possua qualquer carga política.

Tal silêncio é bastante revelador, uma vez que demonstra que no século seguinte aos acontecimentos da Revolução Inglesa, o imaginário evocado pela ideia de “leveller” ainda se encontrava bastante consolidado na sociedade. Desse modo, assumindo que “leveller” constituía uma representação de um ideal por igualdade, o recurso dos Diggers a esta ideia, atrelada à afirmação de serem os “verdadeiros” Levellers, pode, de certa forma, corroborar a ideia dos historiadores que defendem que aqui havia o estabelecimento de uma disputa de concepção de igualdade. Essa, no caso dos Diggers, estaria indissociavelmente atrelada à questão da propriedade – principal ponto de divergência radical evidenciado nos manifestos dos dois grupos.

Os Levellers, por sua vez, agirão de modo rápido a se desassociar da imagem dos ocupantes da Colina de São Jorge (GURNEY, 2007: 158). Possivelmente justo por conta do momento difícil que passavam, não lhes seria interessante serem associados a grupos potencialmente ainda mais impopulares do que eles à época frente às autoridades. O que nos leva a esta hipótese é que foi justamente o jornal Leveller “*The Moderate*” (publicado semanalmente entre julho de 1648 e setembro de 1649), o primeiro veículo a associar “digger”, de forma extremamente pejorativa, ao grupo da Colina de São Jorge, em 1649. Esta ação demonstra a apropriação de um discurso e da representação construída sobre “digger” a partir dos eventos de 1607, não tão somente como trabalhadores da terra afetados pelos melhoramentos, mas sim como “vagabundos desordeiros, uma mera turba de trabalhadores braçais”, ou ainda como pessoas simplórias e iludidas, que não deveriam ser levadas a sério.

[...] a maioria das notícias sobre os acontecimentos da colina de São Jorge tendiam a retratar os Diggers como inofensivos e iludidos - mais como “almas fracas e barrigas

vazias” - do que como uma ameaça à ordem social¹⁵. (GURNEY, In: BRADSTOCK, 2013: 72).

Em contrapartida, os ocupantes da colina de São Jorge se colocarão a disputar e construir sua identidade frente à disseminação de percepções desfavoráveis acerca deles e de suas ações. Nos panfletos diretamente relacionados aos acontecimentos de abril de 1649¹⁶, percebe-se a presença de um discurso voltado para a criação de uma ideia de “massa”, de “povo”, ao procurarem se caracterizar como o “povo pobre e oprimido da Inglaterra” (WINSTANLEY et al, 1649. In: HILL, 2006: 99), em oposição à monarquia, à aristocracia, à igreja, à *gentry*, ao exército e os governantes parlamentaristas, bem como aos grupos de proprietários de terras. É emblemático, por exemplo, que o título do panfleto publicado no dia 1º de junho de 1649 seja “Uma Declaração do Pobre povo oprimido da Inglaterra dirigida a todos os que se chamam, ou são chamados Senhores das Terras Arrendadas, através desta Nação; Que começaram a cortar, ou que por medo e cobiça, têm a intenção de cortar os bosques e árvores que crescem sobre as terras Comuns e Baldias”¹⁷, e que ao final ele esteja assinado em nome de “todos os pobres oprimidos da Inglaterra e de todo o mundo”¹⁸, contando ainda com a assinatura de 45 nomes.

Além disso, eles também adentrarão essas disputas representativas justamente através da adoção de “Digger” para se autointitular, promovendo uma ressignificação desta representação. Será no panfleto intitulado “*A Declaration of the bloody and unchristian acting of William Star and John Taylor of Walton*”, sendo o quarto produzido pelo grupo da colina de São Jorge¹⁹, que aparecerá pela primeira vez esta autodenominação do grupo como

¹⁵ No original: “[...] most early newsbook reports of the digging on St George’s Hill tended to portray the Diggers as harmless or deluded - as “feeble souls and empty bellies” - rather than as a threat to the social order”. Tradução da autora.

¹⁶ *The True Levellers’ Standard Advanced* (20 de abril de 1649), *A Declaration of the Poor Oppressed People of England* (1º de junho de 1649), *A Letter to the Lord Fairfax and his Councell of War* (9 de junho de 1649), *A Declaration on The bloudie and unchristian acting of William Star and John Taylor of Walton* (22 de junho de 1649), *An Appeal to the House of Commons* (11 de julho de 1649), e *A Watch-Word to The City of London and the Armie* (26 de agosto de 1649).

¹⁷ *A Declaration from the Poor oppressed People of England directed to all that call themselves, or are called Lords of Manors, through this Nation; That have begun to cut, or that through fear and covetousness, do intend to cut down the Woods and Trees that grow upon the Commons and Waste Land.*

¹⁸ Originalmente: “Signed for and in the behalf of all the poor oppressed people of England and the whole world”. Tradução da autora.

¹⁹ Entre *The True Levellers Standard Advanced* (20 de abril de 1649) e este panfleto de junho, foram escritos *A Declaration from the Poor Oppressed People of England* (1º de junho de 1649) e *A Letter to Lord Fairfax and his Councell of War* (9 de junho de 1649). O primeiro configurou um tratado geral explicativo de suas motivações e intenções, promovendo justificativas para suas ações e apresentando alguns de seus posicionamentos. Já o segundo caracteriza uma argumentação acerca de suas práticas, numa tentativa de defesa de que ao ocuparem terras comuns e/ou baldias, não estariam infringindo lei alguma.

Diggers. Este é também um panfleto cuja intencionalidade está em tentar novamente estabelecer um diálogo com as autoridades e a população, como meio de advogar pela causa justa das ações dos Diggers, e, de certa forma, mesmo pela “legalidade” destas.

Assim, eles promovem a construção de uma representação específica deles mesmos frente à sociedade. Os Diggers se engajam em uma disputa representativa na qual se encerra uma ressignificação das identidades e trajetórias que eles aglutinam. Após os eventos de 1649, ao menos dois outros grupos irão surgir, de formas independentes e variantes daquele grupo de Surrey, e também se utilizarão da ideia “Digger” para representar suas ações, posicionamentos e demandas enquanto grupo, ainda que estas venham a ter divergências, passíveis de serem evidenciadas através da análise dos panfletos destes outros grupos.

Dessa forma, conclui-se que Digger não apenas denotava um grupo extremamente heterogêneo – em amplo sentido –, conforme evidenciado por historiadores como John Gurney, como também que houvera uma disputa igualmente heterogênea das próprias representações de “Digger”, dos significados sociais que esta ideia carregaria e representaria, parecendo encontrar na terra o ponto de convergência entre as diferentes formas de se disputar essas representações. De representação de um tipo específico de trabalhador, a um tipo específico de arruaceiro, até, finalmente, uma espécie de posicionamento político determinado; busca-se, com estas reflexões, promover uma compreensão cada vez mais alargada e complexa, tanto temporal quanto conceitualmente, de Digger como uma representação que enseja trajetórias politicamente carregadas, da mesma forma que Leveller, por exemplo.

Referências:

AYLMER, G. E.; WINSTANLEY, Gerrard. “England’s Spirit Unfouled, or an Incouragement to take the Engagement: a newly discovered pamphlet”. **Past and Present**, Oxford, n. 40, p. 3-15, 1968.

BENDING, S; MCRAE, A. (ed.) **The Writing of Rural England, 1500-1800**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2003.

BRADSTOCK, Andrew. **Radical Religion in Cromwell’s England – A Concise History of the English Civil War to the End of the Commonwealth**. Londres: I. B. TAURIS, 2011.

_____(ed.). **Winstanley and the Diggers, 1649-1999**. New York: Routledge, 2000.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural** – entre práticas e representações. Algés: Difel, 2002.

CORNS, Thomas N.; HUGHES, Ann; LOEWENSTEIN, David (eds.). **The Complete Works of Gerrard Winstanley**. Vol. 2. Oxford: Oxford University Press, 2012.

DAVIS, J. C. “Gerrard Winstanley and the restoration of true magistracy”. **Past & Present**, Oxford, nº 70, p. 76-93, 1976.

FINNEGAN, David; HESSAYON, Ariel (ed). **Varieties of Seventeenth – and Early Eighteenth – Century English Radicalism in Context**. Surrey: Ashgate Publishing Company, 2011.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GURNEY, John. **Brave Community**: The Digger movement in the English Revolution. Manchester: Manchester University Press, 2007.

_____. **Gerrard Winstanley: The Digger’s Life and Legacy**. Londres: Pluto Press, 2011.

HESSAYON, Ariel. “Early Modern Communism: The Diggers and Community of Goods”. **Journal for the Study of Radicalism**, Michigan, vol. 2, nº 2, p. 1-50, 2009.

HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça**: ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. (ed.). **Winstanley: ‘The Law of Freedom’ and other Writings**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

HOLSTUN, James. **Ehud’s dagger: class struggle in the English revolution**. Londres: Verso, 2000.

JURETIC, George. “Digger no Millenarian: The Revolutionazing of Gerrard Winstanley”. **Journal of the History of Ideas**, Filadélfia, vol. 36, n. 2, pp. 263-280, 1975.

KENNEDY, Geoff. **Diggers Levellers and Agrarian Capitalism**: Radical Political Thought in Seventeenth Century England. Lexington Books, 2008.

_____. “Digger Radicalism and Agrarian Capitalism”. **Historical Materialism**, Leiden, vol. 14, nº 3, p. 113-143, 2006.

PETEGORSKY, David. **Left Wing Democracy in the English Civil War**: A Study of the Social Philosophy of Gerrard Winstanley. Alan Sutton: Stroud, 1995.